

Apresentação

Heloisa Maria Bertol Domingues
Magali Romero Sá

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DOMINGUES, HMB., and SÁ, MR. Prefácio. In: DOMINGUES, HMB., SÁ, MR., and GLICK, T., orgs. *A recepção do Darwinismo no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 15-18. História e saúde collection. ISBN 978-85-7541-496-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Apresentação

Este livro tem como objetivo suscitar um debate sobre o darwinismo no Brasil, entretanto, está longe de pretender esgotar a questão. A idéia do livro surgiu em função de questões subjacentes às nossas pesquisas sobre a história das ciências naturais no Brasil, no final do século XIX, e começou a tomar forma quando tivemos oportunidade de discuti-las durante o 1º Colóquio Internacional sobre a Recepção do Darwinismo na América Latina, organizado por Rosaura Ruiz Gutierrez, da Universidade Autônoma do México, em 1997.¹

Do Darwinismo, pode-se dizer que se tornou um paradigma 'kuhniano', e tem servido a classificar diferentes linhas teóricas que, muitas vezes, são apenas 'evolucionistas'. De certa forma, este livro retrata a contradição que consagrou o conceito ao mesmo tempo que busca avançar no sentido de chamar a atenção para o fato. O adjetivo darwinista, confundido com evolucionismo, serviu, sob múltiplos aspectos, de argumento ideológico aos mais diversos campos do saber: das ciências naturais ao campo jurídico, ao social etc. A idéia tem sido operada sob diferentes abordagens. A tendência, mais geral, de confundir darwinismo e evolucionismo tem minimizado a oposição a Darwin, levando a classificar opositores da teoria da seleção das espécies de darwinistas, como mostram os trabalhos aqui publicados. Assim, se foi possível abrir e fechar este livro com artigos representativos do evolucionismo 'darwinista', os demais artigos deixam ver o quanto a receptividade à teoria foi motivo de controvérsia no Brasil.

Os trabalhos que apresentamos mostram que, se a idéia da seleção das espécies foi aceita por muitos, foi também uma das mais rejeitadas, polêmicas e incompreendidas. Vê-se, por exemplo, que os trabalhos de

antropologia e arqueologia realizados em sambaquis ou sobre os índios botocudos foram um meio e também um fórum de debate para a afirmação ou rejeição da teoria da evolução das espécies no país. Essas diferenças teóricas estão aqui discutidas em diferentes trabalhos.

O artigo de Nelson Papavero foi escolhido como ponto de partida do livro, pois Müller, inegavelmente, foi dos primeiros cientistas, senão o primeiro, a aplicar com êxito a teoria da seleção das espécies, tendo contado com o aval do próprio Darwin. Decerto, se Müller pode ser visto como o homem de Darwin no Brasil, a sua inserção no meio científico brasileiro como um dos maiores estudiosos da teoria da seleção das espécies não foi tão aplaudida quanto deveria ter sido, o que é verificado em outros artigos do livro. Ao mesmo tempo, como se vê no artigo do professor Luiz de Castro Faria, à distância, Virchow, um dos grandes inimigos de Darwin, trabalhou sobre o material brasileiro, enviado a ele por colegas e colaboradores. Virchow teve, além do mais, o apoio do Imperador, que pessoalmente lhe enviava material arqueológico para análise.

A vasta historiografia sobre o tema no Brasil está discutida no artigo de Regina Gualtieri. Embora ela não faça a distinção entre Darwin, Haeckel ou Spencer em relação ao evolucionismo, interpretando-os como 'darwinistas', sua pesquisa acurada nos *Archivos do Museu Nacional* conclui que, nessa instituição, Darwin foi apenas relativamente aceito. O que não diverge do que afirmamos no artigo seguinte, porém, neste buscamos chamar a atenção para a necessidade de distinguir a teoria de Darwin do 'evolucionismo', mostrando que as ciências naturais tanto quanto as ciências sociais (sociologia e direito) tiveram forte influência da escola francesa que, baseada nos métodos de arqueologia e na craniometria, foi uma das maiores opositoras da teoria da seleção das espécies. A mesma metodologia da escola francesa era adotada por Virchow para trabalhar o material enviado do Brasil.

Os trabalhos aqui apresentados mostram que as relações científicas do Brasil com a França e a Alemanha no período do final do século XIX certamente contribuíram para minimizar a influência de Darwin no país. Ele não foi, no entanto, ignorado e, em Santa Catarina, onde Müller desenvolveu a prova da teoria da seleção das espécies, formou-se um grupo de intelectuais positivistas amigos das idéias de Darwin. Ali se desenvolveram conceitos, em torno do evolucionismo, que contribuíram para as teorias raciais, como mostra o último artigo de Thomas Glick sobre o grupo Idéia Nova.

O artigo de Lilia Swarcz enfatiza como aquilo que se convencionou chamar darwinismo social no Brasil contribuiu para difundir conceitos de branqueamento ou para fundar a medicina criminal. Certamente, tal fato é decorrente de teorias, como a antropológica – defendida por João Batista de Lacerda e Rodrigues Peixoto no Museu Nacional – que colocava os ‘botocudos’ no patamar mais inferior da hierarquia social. A rica mistura de teoria e método, conclui Lilia, converteu o Brasil em uma fonte da teoria racial, nos fins do XIX e início do século XX, e acabou fazendo com que a elite intelectual assumisse uma espécie de ‘consciência de atraso’.

Na verdade, conceitos e preconceitos cruzaram-se por demais, neste conturbado mundo das idéias ditas darwinistas, contribuindo decisivamente para, de um lado, impedir o desenvolvimento dos estudos com base na teoria de Darwin no país e, de outro, forjar a imagem da formação social hierarquizada – colocando índios e negros no patamar mais inferior desta hierarquia –, o que, paradoxalmente, transformou a teoria científica em um libelo ideológico.

Esperamos, com este livro, dar início a um debate que venha a aprofundar entre nós a história dessa teoria que atingiu a tantos campos científicos, orientando-os, desde a segunda metade do século XIX. Os ‘preconceitos’ gerados por desdobramentos ou por oposições à teoria não conseguiram abalar a solidez dos ‘conceitos’.

Somos gratas aos incentivadores deste trabalho, Rosaura Ruiz, Miguel Angel Puig-Samper e, em particular, Thomas Glick, que estimulou a realização, no Brasil, de um trabalho semelhante ao que vinha sendo feito com os estudos históricos do darwinismo na América Latina e, ao mesmo tempo, dividiu conosco a organização deste livro; ao professor Luiz de Castro Faria que, nos seus 90 anos, assentiu em nos dar mais aula; aos que tecnicamente nos apoiaram: Cássio Leite Vieira, na primeira revisão, Luci-Méri Guimarães, no escaneamento das imagens, Francisco dos Santos Lourenço, na revisão da bibliografia, e Gary Cheney no auxílio do trabalho de tradução dos artigos de Thomas Glick.

*Heloisa Maria Bertol Domingues
e Magali Romero Sá*

Notas

- ¹ Deste congresso foi publicado o livro *El Darwinismo en España e Iberoamérica* (1999) e uma versão em inglês: *The Reception of Darwinism in the Iberian World* (2001), com uma versão do artigo "La introducción del darwinismo en Brasil: las controversias de su recepción", aqui publicado.

Referências Bibliográficas

- GLICK, T. F.; RUIZ, R. & PUIIG-SAMPER, M. A. (Orgs.) *El Darwinismo en España e Iberoamérica*. Madrid: Ediciones Doce Calles, 1999.
- GLICK, T. F.; RUIZ, R. & PUIIG-SAMPER, M. A. (Eds.) *The Reception of Darwinism in the Iberian World*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001.